



É o mesmo sonho de todos

Rogério Giarettta Jr.

rogério.giarettta@diariosp.com.br

Quando os portugueses chegaram às terras avistadas por Pedro Álvares Cabral não desceram das caravelas com uma bola de futebol. Em busca de riqueza mineral, estavam tão preocupados em salvar a coroa lusa que jamais teriam a capacidade de imaginar outra fonte de renda do lado de cá do Atlântico. É bem verdade que o futebol nem existia naquela época. Cinco séculos depois, o Bra-

sil tem orgulho de produzir, a cada ano, centenas de talentos para o futebol. A supersafrá de craques tornou-se um negócio rentável para empresários, clubes, jogadores e também para famílias dos atletas.

A vida de boleiro, porém, esconde um lado perverso e que poucas vezes aparece na mídia. São histórias que acompanham milhares de jovens que têm sonhos interrompidos pela falta de informação. Dados da Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol (Fenapaf) apontam que o Brasil tem cerca de 30 mil jogadores profissionais. Desses, a carreira vitoriosa de luxo, com carros, belas mulheres e

contratos publicitários milionários aparece apenas para 2%, ou seja, aproximadamente 750 jogadores. Mesmo assim, a cada ano, milhares de crianças e adolescentes não deixam de enfrentar aquele que é o primeiro processo seletivo na vida de muitos brasileirinhos. As peneiras representam uma esperança para quem deseja se tornar um novo Messi. O problema é que, para cada Neymar que surge, estima-se que, pelo menos, 500 garotos acabem ficando sem alternativa senão abandonar o sonho de ser jogador de futebol. O mesmo teste que permite a glória é cruel com seus desafiados.

Com os dois pés na Europa

Como milhares de garotos em nosso país, Pedro Rios, 13 anos, já usava os pés para chutar a bola aos cinco anos de idade. Foi na pré-escola que o pai do garoto, Márcio Rios, desconfiou que o filho tinha um dom especial para o esporte ao vê-lo sempre com a roupa suada ao fim das atividades.

– Um dia, perguntei à professora por que ele estava sempre suado quando eu o pegava. Ela disse que meu filho adorava jogar futebol e que sempre estava em companhia da bola após as tarefas escolares – conta Márcio, que imediatamente decidiu colocar o menino em uma escolinha de futsal.

Não demorou para Pedro se tornar destaque entre os meninos. Na Escola Mediânea, orientado pelo professor Leônidas, o garoto aprendeu os primeiros fundamentos: passe, domínio e chute. O talento lhe rendeu uma bolsa de estudos e um convite para atuar pela equipe de futsal da Sociedade Esportiva Novo Horizonte, de Santa Maria. Em dois anos, Pedro ganhou mais coordenação motora com a bola. O fato chamou a atenção de um observador do Inter, durante uma visita à cidade, e um novo convite, dessa vez, para mostrar as habilidades na Capital. Aprovado no teste que aconteceu em Porto Alegre, o menino, então com 9 para 10 anos, ingressou no projeto de futebol de campo do Novo

Horizonte. Na mesma temporada, Pedro esbanjou habilidade.

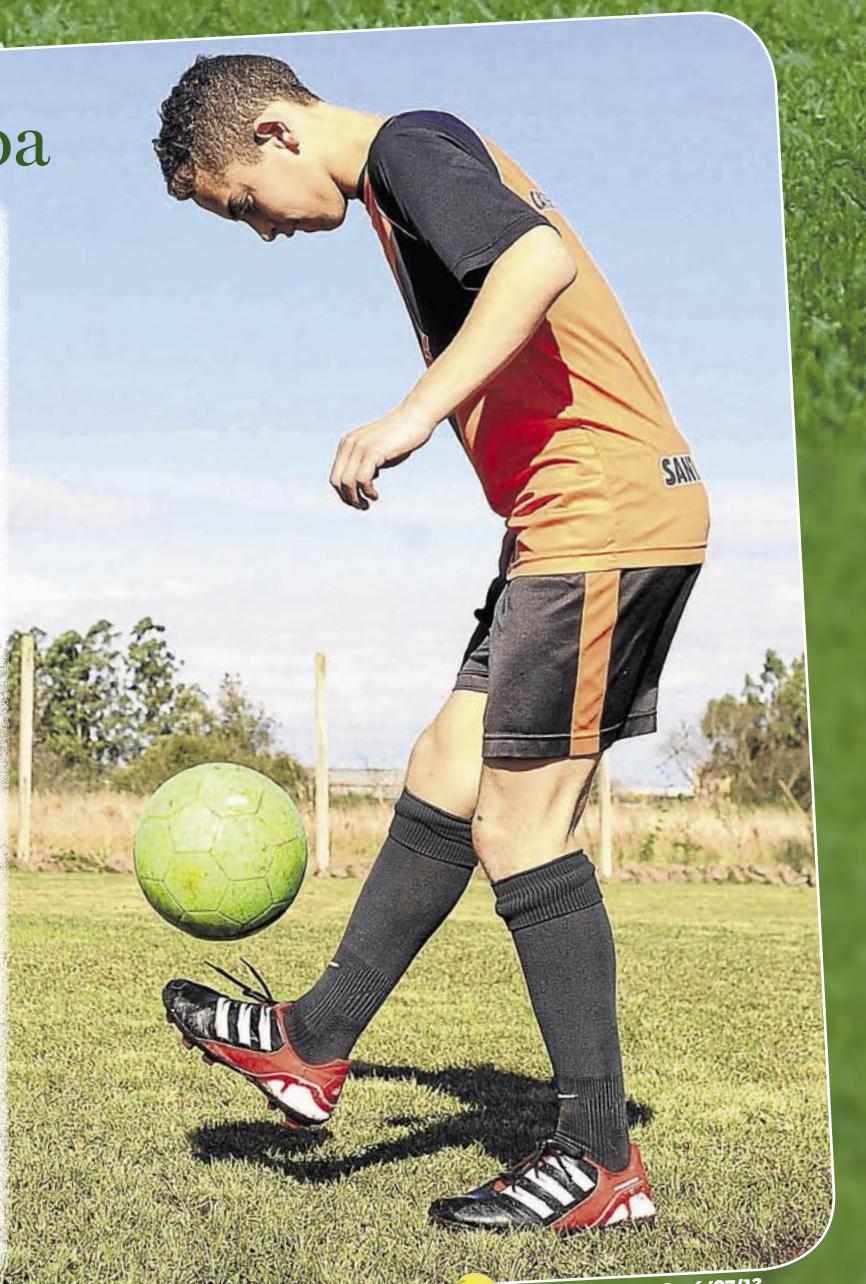
– Ele foi destaque na categoria para nascidos em 1999 e logo estava no time. O apoio de Roberto Ruy (presidente do Novo Horizonte) e dos técnicos do time foram fundamentais – afirma Márcio, que não sabe definir o quanto já investiu na carreira do filho.

De lá para cá, Pedro vem sendo monitorado por treinadores do Inter, no qual foi treinar, em definitivo, no começo da temporada. Mas o destino já havia sorrido para o garoto em novembro do ano passado. Foi quando aquela desconfiança do pai em ter um craque em casa, tornou-se uma certeza: Pedro foi apontado entre os vencedores do Peneirinha Gillette, entre milhares de garotos, para treinar por 15 dias em um clube da Europa, que será o Real Madrid.

– Ele nem deu muita bola logo que viu a propaganda do Peneirinha. Depois, nos últimos dias, ele me pediu para inscrevê-lo e, graças a Deus, deu tudo certo – confirma o pai do menino.

Filho único, Pedro é visto pelos pais como um menino humilde, responsável, que adora estar com a família, além de bom aluno. Ainda sem saber o futuro que aguarda o primogênito, Márcio Rios resume a espera em uma única frase:

– No momento que é o sonho dele, é o meu sonho também – define.



FERNANDA RAMOS - 6/07/13

Apesar da fama e do dinheiro, estatísticas mostram que ser um jogador de futebol requer não só talento, mas sorte e muita persistência



‘Peça de reposição tem, mas é preciso procurar’

Há quatro anos, desde que se formou em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Guilherme Ruy faz da sua atividade diária ensinar meninos a jogar futebol. É a frente da escolinha Sociedade Esportiva Nova Horizonte, que completa 18 anos nesta temporada, que o trabalho busca formar atletas e transformar em sonho o desejo de centenas de crianças.

De acordo com Guilherme, todo os anos, cerca de 70 meninos procuram a escolinha para aprender fundamentos como passe, domínio de bola, velocidade, raciocínio e ação rápida com os pés. Entretanto, o caminho trilhado por garotos que têm entre 5 e 16 anos e que buscam atributos para se tornarem atletas profissionais nem sempre é o mesmo.

– Fizemos uma avaliação para saber como ele se comporta com a bola. Nossa missão, neste momento, é minimizar as frustrações, já que nem todos apresentam potencial para ser atletas profissionais e não serão aprovados – revela. A escolinha que iniciou as atividades em 1998 já teve cerca de 5 mil garotos vestindo sua camisa em busca de ser um atleta profissional. Mesmo assim, o Novo Horizonte conseguiu revelar duas promessas para o futebol brasileiro. Uma delas é o atacante Lucas Roggia, de Santa Maria, que das categorias de base do Inter transferiu-se para o Milan, da Itália. Outro destaque é o meio-campo Gláuber, que no ano passado atuou pelo América-MG, na Série B do Brasileirão.

– Aqui, é preciso ir bem na escola e manter disciplina que garanta a presença na escolinha. Um é complemento do outro – destaca Guilherme Ruy.

Mas engana-se quem pensa que o CT da Mediânea, em Santa Maria, é o único local em que o Novo Horizonte observa meninos que desejam ser atletas profissionais. Em busca de talentos escondidos em outras localidades da região, a escolinha mantém olheiros em Santiago, São

Quase um quarto de século em busca de jogadores



A cada temporada, a Sociedade Esportiva e Recreativa Santos coleciona histórias de garotos que desejam ser jogadores de futebol. Hoje, já são 80 meninos, com idades entre 5 e 17 anos, com o mesmo objetivo. A escolinha faz um trabalho de formação. Passe, drible e desempenho físico são características a serem assimiladas nos treinos semanais. Quem alimenta o sonho vitorioso de seguir a carreira futebolística é Énio Santos (foto), um professor que há 22 anos trabalha com meninos em idade infantil e adolescente em Santa Maria. Da experiência de quase um quarto de século garimpando talentos, Énio tem uma filosofia motivacional que distribui pelos campos de futebol em que comanda a gurizada:

– Difícilmente eu digo um não. É porque a vida desses meninos já é cheia de não. Não pode isso, não pode aquilo. Então, quando eles chegam aqui, minha última alternativa é dizer não para um menino que quer ser jogador de futebol profissional – explica Énio.

Com a experiência de quem já perdeu as contas de quantos meninos viu crescer correndo atrás do sonho de ser atleta profissional, Énio não pensa duas vezes quando dá a resposta sobre quantos garotos consegue formar para o futebol.

– A gente consegue formar um cidadão, antes de mais nada. Mas, para o futebol, dá para apresentar uns três garotos a cada cinco anos. Mas não é uma tarefa fácil – reconhece.

Um de seus pupilos defende as categorias de base do Sport Recife, em Pernambuco. Com 16 anos, o jovem Andrei só não deixou a oportunidade escapar porque o professor Énio courou dedicação e o incentivo como se fosse um filho. É no mesmo caminho que ele espera ver João Vitor Messias, 17 anos. Morador da Cohab Tancredo Neves, o estudante do 2º ano do Ensino Médio da Escola Paulo Lauda já participou de uma peneira do Inter, em Cacequi, quando foi reprovado. Sem desistir, João busca forças no sonho de menino para continuar driblando a esperada por outra oportunidade:

– Eu vou até onde der para ir – justifica.

– Hoje, está mais fácil ser jogador de futebol. Há mais escolinhas e mais avaliações pelo Interior. Os grandes eventos, como a Copa do Mundo, ajudam a alimentar essa ideia – avalia Énio Santos.